
Interação entre escola e família: desafios e possibilidades na alfabetização de classes multisseriadas na educação do campo

Interaction between school and family: challenges and possibilities in teaching literacy in multigrade classes in rural education

Dilmar Rodrigues da Silva Júnior
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)
Caxias-Maranhão-Brasil

Resumo

O objetivo deste estudo foi compreender as relações estabelecidas entre escola e família no processo de alfabetização de crianças, em classes multisseriadas, na educação do campo. A pesquisa fundamenta-se na concepção de alfabetização preconizada na teoria histórico-cultural, que articula alfabetização e letramento. A metodologia está orientada pelos princípios do método autobiográfico, consolidado por meio da pesquisa narrativa pautada em Dominicé (1988). A produção de dados ocorreu por meio da entrevista narrativa. Participaram da pesquisa, (03) três alfabetizadoras que atuam em uma escola de classes multisseriadas, na educação do campo, do município de Caxias/MA. Conclui que a fragilidade das interações é influenciada em decorrência da realidade cultural, social, política e econômica das famílias.

Palavras-chave: Alfabetização; Classes Multisseriadas; Relação Escola e Família.

Abstract

The objective of this study was to understand the relationships established between school and family in the literacy process of children in multigrade classes in rural education. The research is based on the concept of literacy recommended in the cultural-historical theory, which articulates literacy and literacy. The methodology is guided by the principles of the autobiographical method, consolidated through the narrative research based on Dominicé (1988). The data production occurred through narrative interview. Participated in the research, (03) three literacy teachers who work in a school of multigrade classes, in the field education, in the municipality of Caxias/MA. It concludes that the fragility of the interactions is influenced as a result of the cultural, social, political and economic reality of the families.

Keywords: Literacy; Multi-Serial Classes; School-Family Relationship.

1. Introdução

O interesse pela temática deste estudo partiu de nossas vivências como professor alfabetizador em classes multisseriadas na educação do campo. As nossas experiências profissionais como alfabetizador me fizeram compreender que o contexto da alfabetização é bastante desafiador, particularmente quando seu cenário é a classe multisseriada na escola do campo. Outros fatores também a investigação acerca do objeto de estudo, por exemplo: o fato das multisséries serem marcadamente invisíveis no atual cenário educacional em nosso país; com pouco fornecimento de materiais didáticos-pedagógicos disponibilizados, a falta de estrutura (biblioteca, escassez de cantina própria e merenda escolar, banheiro adequado, entre outros), etc.

Convém destacar que minha atuação profissional na educação do campo, tanto na função de alfabetizador, quanto na condição de coordenador pedagógico me possibilitaram perceber a importância de empreender estudos sobre a alfabetização em classes multisseriadas na escola do campo, na perspectiva de produzir conhecimentos sobre o tema, contribuindo com as reflexões sobre o ensino da linguagem escrita no contexto da multissérie.

A realidade das classes multisseriadas, seus limites e suas possibilidades me impulsionaram a desenvolver este estudo, principalmente por compreender que a alfabetização em classes multisseriadas é tecida em meio a muitos desafios e grandes dificuldades geradas pela falta de investimentos nas escolas do campo, que, entre outras consequências, compromete o acesso de professores e alunos às escolas, afetando o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Não posso deixar de citar a ausência de formação de professores para a atuação nas turmas multisseriadas, haja vista que na formação inicial o futuro professor tem acesso a conhecimentos apenas sobre a realidade da alfabetização para crianças da área urbana e de turmas seriadas.

Considerando o exposto, o presente estudo é oriundo da dissertação de Mestrado em Educação, concluído pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE, da Universidade Federal do Piauí/ UFPI, na linha de pesquisa: Formação de Professores e Práticas da Docência. O recorte deste estudo focaliza a unidade temática de análise interações família e escola no processo de alfabetização de crianças em classes multisseriadas, na educação do campo. Questão que nos coloca ao objeto de estudo desenvolvido para este artigo. Partimos da

seguinte questão-problema: como se estabelece a relação escola e família no processo de alfabetização de crianças em classes multisseriadas, na educação do campo? O objetivo deste estudo foi compreender as relações estabelecidas entre escola e família no processo de alfabetização de crianças, em classes multisseriadas, na educação do campo.

A pesquisa fundamenta-se na concepção de alfabetização preconizada na teoria histórico-cultural, que articula alfabetização e letramento. Ou seja, a alfabetização é compreendida como processo complexo e multifacetado, que visa a apropriação da linguagem escrita a partir de seus usos e funções sociais. No que concerne à educação do campo, considera ser uma modalidade educacional marcada por singularidades inerentes à identidade e à cultura dos povos do campo. Sobre as classes multisseriadas, entende que são contextos que oferecem a primeira etapa do ensino fundamental (1º ao 5º ano), em um espaço único de aprendizagem, para atendimento de alunos que se encontram em diferentes séries ou anos escolares.

2. Leitura e escrita no processo de alfabetização: concepções teóricas e práticas

As crianças estão imersas em práticas sociais de leitura e de escrita no cotidiano de suas vidas e, por isso, ao ingressarem na escolarização formal é preciso que os professores levem em conta seus conhecimentos prévios sobre a linguagem escrita. No que concerne ao ensino da leitura e da escrita na alfabetização, devemos ter ciência que esse ensino é afetado pelas concepções dos professores, que podem interferir na formação de leitores e escritores.

Formar leitores e produtores de texto no contexto da sociedade atual, requer, por meio da escola, a necessidade de articulação com os fatos e princípios da realidade dos próprios sujeitos que estão na busca pelo conhecimento. Desse modo, o texto apoia-se na perspectiva de Freire (2003) mostrando que o ato de lê e escrever requer um olhar atento às mudanças sociais, levando em consideração que nosso mundo contemporâneo é marcado pela amplidão da desigualdade social. A leitura simboliza conhecimento, e este, por sua vez possibilita a libertação. Assim sendo, a leitura torna-se indispensável na construção de um pensamento em que o indivíduo se apodere da leitura como uma prática de esclarecimento e transformação do contexto social. Enquanto a escrita é caráter essencial que o sujeito pode retratar o mundo e produzir a sua própria história.

Segundo Colello (2021, p.17), a leitura "[...] constitui uma atividade ou um processo cognitivo de construção de sentidos realizados por sujeitos sociais inseridos num tempo

histórico, numa dada cultura". Compreendemos, a partir do que a autora afirma, que a leitura exige atitude reflexiva do leitor para compreensão do que é lido. Essa concepção de leitura postula que o ato de ler não se reduz à decodificação ou decifração de signos linguísticos. Ler implica compreensão, interpretação e produção de sentidos, a partir de atividades cognitivas e reflexivas desenvolvidas pelos leitores.

Lajolo (2022, p.47), de modo similar às ideias de Colello (2021) defendendo a ideia que "[...] a leitura não se resume apenas no ato de decifrar o código da escrita produzidos por alguém, convencionalmente, como por exemplo: um jogo de adivinhações ou os sentidos de um texto [...]". Para a autora a leitura é praticada por um sujeito social capaz de atribuir sentido e significado ao discurso escrito. A compreensão dos sentidos de um texto lido pode ser alcançada quando o leitor dialoga e interroga o texto lido, tendo como suporte seus conhecimentos prévios e suas experiências de vida.

Considerando as concepções de leitura que apresentamos, podemos nos reportar sua importância ou seu impacto na vida das pessoas. Jolibert (1993) refere-se aos impactos da leitura na vida das pessoas comentando que, os indivíduos ao utilizarem habitualmente a leitura ampliam seus papéis na sociedade e no mundo, tendo em vista que o leitor ao adentrar no universo da leitura é capaz de identificar elementos objetivos de sua realidade e de participar de forma consciente nos acontecimentos de sua vida, posto que o ato de ler não significa simplesmente decodificar os sinais da língua escrita, mas implica na interação leitor/autor/texto para produção de sentidos sobre o que é lido.

No processo formal de escolarização, especialmente na alfabetização, as crianças precisam ter oportunidade de vivenciar diferentes situações de leitura para que desenvolvam habilidades e competências leitoras. Quando o leitor amplia suas habilidades e competências na leitura é capaz de selecionar textos atendam suas necessidades e de selecionar estratégias de leitura adequadas ao seu perfil. Essas habilidades e competências podem ser objeto de interesse de um processo de alfabetização que transcenda à dimensão instrumental do processo de aquisição da linguagem escrita (Colello, 2021).

No desenvolvimento de habilidades e de competências de leitura em sala de aula, segundo a autora, o professor deve privilegiar a diversidade textual, haja vista que cada texto exige habilidades diferentes. Significa que não se lê da mesma forma, por exemplo, uma notícia de jornal, um conto de fada, um poema ou receitas de culinária. Para adquirir

competências leitoras é preciso disciplina e organização de tempos e espaços para a efetivação da prática de leitura, como produção de sentidos.

Diferentes situações podem colaborar para que as crianças em fase de alfabetização desenvolvam habilidades e competências de leitura em sala de aula. Por exemplo, nas atividades de leitura as crianças, a partir da mediação dos professores, diferentes desafios poderão ser apresentados, tais como: “[...] fazer previsões a partir do título, sobre o assunto do texto, gênero e suporte. Outra estratégia está na possibilidade de levantar hipóteses de como o texto continua a partir de informações do início dele [...]” (Colello, 2021, p.41). Os questionamentos sobre o texto são importantes para que as crianças aprendam a refletir sobre a leitura e para aguçar a interpretação e produção de sentidos. A autora indica, ainda, que é recomendável pensar na prática de consultar o dicionário para extrair sentidos e significados de palavras desconhecidas, encontradas durante a leitura de textos, bem como se refere à possibilidade de as crianças inferirem os significados das palavras.

Ferreira e Correia (2020, p.81) em seus estudos sobre alfabetização recomendam deve acontecer por meio da exploração de diferentes gêneros discursivos e alertam que a leitura (do mesmo modo que a escrita), apesar de ser objeto de ensino na escola, “[...] não tem recebido o valor e a importância que deveria ter, exatamente por não ser utilizado como linguagem, ou seja, em vez de ser concebido como forma de interação social [...]”. Conforme as autoras esse fato é decorrente do modo como a escola tem concebido a língua, sem focalizar a interação verbal.

Na abordagem do processo de apropriação da linguagem escrita, no contexto brasileiro, o ensino da leitura e da escrita acontecem de forma concomitante. As crianças aprendem a ler e a escrever simultaneamente e, por essa razão, o processo de alfabetização se preocupava tanto com o ensino da leitura, quanto com o ensino da escrita. O processo ensino-aprendizagem da leitura e da escrita objetiva que as crianças desenvolvam competências leitoras e escritoras com o intuito possibilitar suas incursões nas práticas sociais da linguagem oral e escrita.

Foucambert (1994) se posiciona em relação ao trabalho escolar com a leitura reconhecendo que o aprendizado do ato de ler se desenvolve por meio da imersão das crianças em práticas letradas (situações sociais de usos da leitura e da escrita). Conforme a autora, a leitura e a escrita não podem ser ensinadas de maneira isolada e descontextualizada

das práticas sociais, bem como é importante privilegiar o texto como unidade de sentido na alfabetização, pois ensinar a ler e a escrever contemplando meramente os elementos isolados da língua escrita não têm sentido em si, mas esses elementos combinados, formando um todo comunicativo e expressivo, dentro de um contexto específico, cumprem uma função sociocomunicativa.

No que se refere ao ensino da produção escrita, podemos questionar: o que é escrever? Como trabalhar a produção de textos escritos na alfabetização? Moraes (2012, p.29) aborda essa temática afirmando que “[...] algumas pesquisas recentes sobre a aquisição da escrita, têm destacado o papel das práticas sistemáticas e reflexivas de ensino como condição primordial da alfabetização das crianças e requisito para o domínio autônomo da leitura e produção de textos”. O autor reforça que ensinar a ler e a escrever, para a formação de leitores e escritores autônomos, demanda uma organização sistemática do processo de ensino e, também, requer que esse ensino se dê de forma reflexiva, oportunizando às crianças a análise de suas ideias e hipóteses.

Um aspecto importante a ser considerado quando nos reportamos à produção escrita na alfabetização é compreender o que é escrever. Na abordagem de alfabetização que defendemos neste estudo escrever não se resume a copiar, mas implica na produção de ideias e de conhecimentos. Escrever constitui uma atividade de criação, de produção, que exige do escritor conhecimentos sobre o que vai escrever. Embora a escrita faça parte do cotidiano das crianças, sejam do campo ou não, e possa ser encontrada em vários portadores de textos (letreiros de ônibus, placas de trânsito, fachadas de lojas, jornais, revistas, livros, entre outros) aprender a escrever não acontece naturalmente. A produção escrita precisa ser ensinada e cabe à escola esse ensino, para que as crianças se reconheçam como autores de seus textos e sintam prazer em escrever.

No processo de alfabetização é preciso entender a produção escrita de um texto como uma atividade que envolve, entre outras, a habilidade cognitiva e deve seguir etapas que contribuam com o desenvolvimento linguístico do leitor. A respeito da produção escrita Bajard (2012, p. 168) defende que escrever um texto consiste em “[...] uma atividade que supõe informação, conhecimento do objeto sobre o qual se vai discorrer, além, é claro, de outros conhecimentos de ordem textual-discursiva e linguística [...]”. Escrever um texto, na concepção da autora, exige que o escriba tenha conhecimentos sobre o tema a ser abordado,

seja ele de classes de alfabetização, seja de outros níveis de ensino. No processo de mediação da produção escrita o aluno precisa se reconhecer como sujeito de seu próprio texto, pois sua escrita expressa suas ideias e sua compreensão sobre o objeto de sua escrita.

Na produção escrita, assim como na leitura, a utilização de diferentes gêneros discursivos é de extrema importância, para que as crianças percebam os distintos formatos que assumem, as diferentes funções que assumem na sociedade letrada, os diversos suportes textuais, as propriedades sociocomunicativas de funcionalidade e de intencionalidade dos textos. Marcuschi (2002, p. 24) afirma que um texto produzido por alguém explicita “[...] uma identidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual [...]”. Para o autor, o texto é um veículo de comunicação social, mesmo produzido de maneira isolada por alguém, pois a intenção de quem escreve é que seu texto seja lido.

A leitura e a escrita de textos (seja uma poesia, uma crônica, uma bula de remédio, uma receita culinária, um e-mail, uma reportagem, uma charge, entre outros), sob a mediação dos alfabetizadores, deverá ser realizada de acordo com os usos reais desses gêneros textuais na sociedade, evitando-se a artificialização de situações de letramento. Na medida em que o professor trabalhar os gêneros textuais em sala de aula, é importante que ressalte o caráter funcional da escrita. De acordo com Marcuschi (2008, p. 149), “[...] o trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas”. A partir da afirmação do autor, compreendemos que, na medida em que o professor trabalha o gênero textual em sala de aula, levando em conta seu caráter funcional, seu papel social na sociedade, os alunos deixam de fazer redação (gênero escolar) para produzir textos (diferentes gêneros textuais).

Em relação às mediações de alfabetizadores no processo de produção de textos, o que percebemos na escrita deste texto é que a escola precisa abandonar o exercício mecânico do ato de escrever, cujo resultado tem sido a escrita de pseudos textos (textos sem sentido, cartilhescos). Marcuschi (2002, p. 24) realça enfatizando que ao produzir um texto, “[...] o aluno deve assumir-se como locutor, como sujeito de seu dizer e isso implica que tenha o que dizer e tenha razões para esse dizer, que ele saiba a quem dizer e com que finalidade produz seu dizer [...]”. O conhecimento desses elementos o auxilia na escolha das estratégias que constituem seu dizer, na seleção dos mecanismos que determinam o modo de dizer e, por fim, na escolha do gênero textual a ser empregado em diferentes situações sociais. Essa

concepção traz à tona outro fator: o texto é visto como um objeto de interação entre interlocutores e não como um produto final a ser avaliado.

Smolka (2017, p.17) realça que escrever um texto consiste em “[...] uma atividade que supõe informação, conhecimento do objeto sobre o qual se vai discorrer, além, é claro, de outros conhecimentos de ordem textual-discursiva e linguística”. Por isso, é de extrema importância que o professor tenha consciência do que consiste no processo de produção de textos, pois essa atividade vai além da simples atividade “[...] de fazer um texto a partir de um título, de uma temática, de uma imagem ou mesmo de um fragmento de outro texto” (Smolka, 2017, p.18). Escrever um texto resulta de um trabalho de estudo, de contextualização do assunto a ser abordado, aspectos que antecedem a produção propriamente dita.

É preciso que as crianças ao serem desafiadas a escrever tenham conhecimento da estrutura da frase, do parágrafo, do texto e tenha domínio de usos de elementos de coesão e linguísticos. Significa que para a produção de textos é preciso que aconteçam processos de preparação a fim de que as crianças conheçam o que é um texto, como se estrutura e para que serve.

Diante desses apontamentos sobre o processo de produção de textos, destacamos a importância da reescrita do texto como um momento singular de aprendizagens para as crianças, cujo foco não se prende apenas a avaliação da escrita das crianças, mas se dá como uma atividade que pode provocar muitos aprendizados.

3. Design metodológico do estudo

A metodologia está orientada pelos princípios do método autobiográfico, consolidado por meio da pesquisa narrativa pautada em Dominicé (1988) considerando o método autobiográfico como uma alternativa para a revalorização da noção de experiência humana, que não é usada como um meio de facilitar a transmissão de conhecimentos, mas sim como meio de pôr em evidência “[...] a forma pela qual o saber se forja nas situações concretas, como se constrói através da ação ou se desenvolve nos acontecimentos existenciais [...]”. O método autobiográfico possibilita o sujeito contar e/ou escrever sua história real, refletindo sobre ela e produzindo aprendizagens ao revisitar essa história.

Diante do exposto, entendemos que o método autobiográfico é pertinente para o desenvolvimento desta pesquisa que aborda a alfabetização de classes multisseriadas na

educação do campo por dar visibilidade às experiências de profissionais muitas vezes invisibilizadas no cenário educacional brasileiro. Considerando a perspectiva crítica do método autobiográfico, é possível identificar que enaltece vozes de sujeitos que, muitas vezes, são esquecidos ou silenciados em contextos conflitantes ou situações do cotidiano. Compreendemos que o método autobiográfico poderá contribuir para que as colaboradoras do estudo desenvolvam o autoconhecimento e o conhecimento de suas práticas docentes alfabetizadoras, perspectivando que a partir das reflexões sobre suas experiências possam revisitar suas práticas e investir na autoformação.

A produção de dados ocorreu por meio da entrevista narrativa autobiográfica. Antes de darmos início a aplicação do dispositivo para a produção de dados, foi apresentado as intenções para as colaboradoras, no sentido de transmitir total segurança no que concerne as suas narrativas. Explicamos os objetivos, questão problema e os momentos de encontro para a consolidação de produção dos dados. Como a pesquisa é resultante da dissertação de mestrado, vale lembrar que a mesma envolveu seres humanos e antes da articulação e mobilização do dispositivo de produção de dados: entrevista narrativa, só pôde ser consolidada após a emissão de parecer resultante de aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí - UFPI, por via submissão no site da plataforma Brasil.

Participaram da pesquisa, (03) três alfabetizadoras que atuam em uma escola de classes multisseriadas, na educação do campo, do município de Caxias/MA. Após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, questionamos de quais formas as professoras gostariam de ser identificadas em seu trabalho. No entanto, ambas aceitaram revelar suas verdadeiras identidades, assim descritas: Severina, Fernanda e Elza. Pois os esclarecimentos em torno do TCLE possibilitaram a segurança de ambos os sujeitos.

Quanto aos sujeitos da pesquisa: participam (03) três alfabetizadoras que atuam em uma escola de classes multisseriadas, na educação do campo, do município de Caxias/MA. Considerando as narrativas das colaboradoras da pesquisa percebemos a importância das interações entre escola, pais ou responsáveis na alfabetização de crianças, identificamos as fragilidades dessas interações e os fatores que as afetam. As narrativas evidenciaram os desafios da escola para revisitação das interações entre escola, pais ou responsáveis na

alfabetização de crianças. Evidenciam, também, essas interações precisam ser analisadas considerando a realidade social, política e econômica das famílias.

4. Relação escola e família na alfabetização de crianças: desafios e possibilidades na escola do campo e a tessitura narrativa de professoras

A realidade com a qual nos deparamos nas escolas de classes multisseriadas no campo, ou até mesmo naquelas situadas na zona urbana, é de fracasso no ensino da leitura e da escrita. Diante dessa realidade as escolas e os professores são desafiados a definir estratégias para assegurar que as crianças aprendam. Nesse processo, as interações entre famílias e escolas precisam ser firmadas em ações sistemáticas, que focalizem o acompanhamento das crianças na apropriação e desenvolvimento da linguagem escrita. Investir na parceria família/escola/comunidade pode ser gerar o estreitamento das relações entre pais (ou responsáveis) e professores em prol dos aprendizados das crianças, o que será favorável para o sucesso do processo de escolarização. O estreitamento das relações precisa ser claro em relação aos papéis da escola, dos professores e da família, pois cada um tem uma função específica na educação das crianças. A família pode ser um importante apoio na mobilização das crianças para engajamento e permanência na escola.

Não podemos esquecer que família é a primeira instituição social com a qual as crianças convivem e aprendem sobre as práticas sociais de leitura e escrita, por participarem ou presenciarem eventos de letramentos, que podem contribuir em suas percepções a respeito da língua escrita. No ambiente familiar as crianças podem despertar o gosto pela leitura, ter acesso a livros e outros suportes textuais, podem ouvir histórias, o que constitui importante experiência de interação com a linguagem oral e escrita. A professora Severina narra a respeito das interações ou não com pais ou responsáveis pelas crianças que se encontram no processo de alfabetização:

A realidade da zona rural é complexa. Olha, eu trabalho há muito tempo na zona rural e vejo aqui como um espaço que muitas crianças querem aprender. Por outro lado, eu vejo a baixa participação dos pais em ajudar as crianças nas tarefas escolares de casa. Mais por outro lado eu entendo que os pais são analfabetos na grande maioria na comunidade que trabalho. O que me faz ver que as atividades podem não voltarem respondidas. Também tem aqueles pais que não ligam para ajudar as crianças com as tarefas da escola em casa. Eu já ouvi mães dizendo que não tem paciência em ensinar. Muitos pais trabalham na roça, as mães são quebradeiras de coco ou trabalham em outras comunidades mais afastas, e por isso, eu vejo como justificativa para o não acompanhamento nas atividades da escola. Às vezes, eu chamo os pais na

escola para orientar sobre isso, mas eles não comparecem. (Professora Severina/Entrevista Narrativa).

O relato da professora Severina sobre as interações ou não com pais ou responsáveis pelas crianças que se encontram no processo de alfabetização revelam questões singulares, desdobraremos nessa análise. A primeira questão se refere à percepção da professora sobre as crianças, segundo suas reflexões mostram o desejo de aprender, o que nos parece considerável no processo ensino-aprendizagem. A segunda questão, precisa ser analisada levando em consideração o contexto sociocultural, político e econômico das famílias, em face de se referir especificamente a à participação das famílias na vida escolar das crianças.

A narrativa da colaboradora Severina aborda diferentes aspectos sobre as interações ou não com pais ou responsáveis pelas crianças que se encontram no processo de alfabetização. A professora destaca a baixa participação das famílias das crianças no acompanhamento do processo educativo, justificando que esse fato decorre da baixa escolarização ou analfabetismo dos pais, do desinteresse pela escolarização das crianças (alguns casos) e por demandas de trabalho. A realidade dessas interações tem feito a colaboradora tomar algumas iniciativas para estreitar as relações família/escola, com o objetivo de orientar os pais no acompanhamento do processo ensino-aprendizagem.

É possível perceber interesse da colaboradora no sentido de fortalecer a participação dos pais no ato educativo, conseqüentemente, na prática docente alfabetizadora. O relato da professora Severina evidencia a importância que atribui à participação da família no processo de alfabetização. É possível depreender que entende como a relação entre família e escola pode contribuir na aprendizagem dos alunos. A professora Fernanda, também, relata a respeito da participação dos pais no acompanhamento escolar das crianças, destacando:

Por exemplo, no projeto COM VIDA. Eu fico praticamente o mês todo preparando a criança e conversando os pais sobre a importância da participação das crianças e a presença maciça dos pais no dia do evento. Alguns pais permitem a participação e vão prestigiar no dia do evento. Mas, infelizmente, tem outros pais que permitem, mas no dia do evento não aparecem ou nem manda alguém para lhe representar. Também tem aquelas crianças que em muitas atividades, os pais permitem a participação dos filhos e na hora não deixam os filhos participarem. Isso dificulta o andamento das atividades ou não saem da forma planejada. (Professora Fernanda/Entrevista Narrativa, 2021).

A educação ofertada à criança no âmbito da família assume um papel fundamental na formação do sujeito, os hábitos, atitudes e valores partilhados na convivência familiar influenciam no desenvolvimento e no comportamento das crianças, de alguma forma. Os pais podem proporcionar possibilidades de apropriação de conhecimentos de conhecimentos experienciais no campo da leitura e da escrita, em relação aos usos e funções na sociedade. A família deve firmar uma parceria com a escola, baseada na cooperação e no compartilhamento na tarefa de educar as crianças, tornando o trabalho pedagógico participativo e, assim, contribuir para que bons resultados sejam alcançados no processo de ensino e aprendizagem.

A professora Fernanda em sua narrativa, demonstra interesse em contar com a colaboração dos pais, uma vez que, sem o apoio familiar, a aprendizagem das crianças pode se tornar mais difícil. A colaboradora relaciona diferentes situações em que os pais poderiam participar: as atividades inerentes ao calendário pedagógico, como é o caso do projeto COM VIDA, desenvolvido pela instituição, o qual requer a apresentação de atividades temáticas diversas, a fim de mobilizar a participação ativa das crianças. A professora Fernanda reconhece que a parceria família x escola deve ser pautada no diálogo, conforme está implícito em seu relato quando menciona que a participação ativa das crianças nas atividades extracurriculares realizadas pela escola precisa do apoio das famílias para que as crianças participem.

As atividades do projeto COM VIDA expressam a possibilidade de interação, além explorar a oralidade, aspecto muitas vezes colocado em segundo plano no processo de apropriação da linguagem escrita. A oralidade é explorada por meio das apresentações, das atividades coletivas, em que ocorrem as interações entre as crianças, delas como os adultos e com a comunidade escolar. A colaboradora deixa nítido que mesmo com o dialogando com os pais, a presença/participação deles nos eventos é mínima.

Caldart (2002) contribui para analisarmos a narrativa da professora, quando enfatiza que a aprendizagem da criança deve ser preocupação, que a família é uma instituição que deve proporcionar visões iniciais de vida, mundo e sociedade. E cabe à escola coparticipar deste processo a partir da promoção de uma educação formal pautada na perspectiva da humanização. A respeito das relações família/escola reconhecemos que, muitas vezes, a família é chamada na instituição escolar somente para tomar conhecimento de problemas

dos filhos, quanto às dificuldades de aprendizagem ou sobre problemas de comportamento das crianças. O envolvimento dos pais e a presença constante na escola constituem aspectos imprescindíveis para o avanço do projeto e da organização do trabalho pedagógico da escola do campo. No contexto da participação das reflexões sobre a efetiva participação dos pais na alfabetização das crianças no campo, a professora Elza relata que:

Os pais de crianças da minha turma, somente uma pequena parcela dão contribuição nesse processo. Eu fico triste, porque a escola se desdobra para mudar, mas, infelizmente a baixa instrução dos pais, desestrutura e a questão cultura mesmo é típica deles, o que nos faz esqueceros na escola. A gente faz tantas atividades legais, e eles não comparecem, nem mesmo no cotidiano das aulas quando estamos presenciais, imagine agora no período remoto. (Professora Elza/Entrevista Narrativa, 2021).

A colaboradora Elza revela que a contribuição ou acompanhamento dos pais de crianças de sua turma no processo ensino-aprendizagem é relativamente baixo. A professora demonstra sentimentos de insatisfação em relação a essa realidade, pois reconhece o empenho da escola na tarefa de educar e ensinar as crianças, assim como entende que a participação dos pais ou responsáveis nas demandas escolares das crianças faria diferença em suas trajetórias na alfabetização. Nem sempre a ausência ou não participação dos pais na escola é mera negligência, às vezes, é resultante da baixa escolarização, do analfabetismo e da sobrecarga de trabalho.

Na educação do campo, nas classes multisseriadas que foram objeto de nosso estudo, essa realidade é recorrente. Não obstante os fatores que dificultam a participação dos pais, entendemos que existem possibilidades de reverter essa situação, a partir do incentivo e do estabelecimento de uma parceria escola/família, respeitando a realidade sócio-histórica das famílias e valorizando a produção de tarefas escolares. Na análise de Moraes (2012, p.15) “[...] a família em certos olhares acaba sendo vista como não educadora, pois muitas vezes não possui o ensino formal que é necessário e cobrado pela sociedade ao indivíduo”. Por existir essa visão por parte de muitos é que a família acaba não interagindo com escola. O destaque para a participação da família na escola, não retira dessa instituição formal de ensino as responsabilidades no processo de ensinar, mas reconhece o importante papel que as famílias podem exercer na educação das crianças, participando das demandas de escolarização. Em síntese, as famílias não podem se eximir de seus papéis no acompanhamento das crianças na

escola, pois o apoio familiar e seus incentivos às crianças são necessários para o desenvolvimento das aprendizagens da leitura e escrita.

5. Tecendo algumas Considerações

As histórias narradas pelas colaboradoras, a respeito de práticas de leitura e de escrita desenvolvidas no processo de alfabetização de crianças, em classes multisseriadas, foram tecidas por meio da reflexão e da rememoração de experiências, o que oportunizou às professoras que colaboraram com o estudo pensar a prática docente como contexto de aprendizagens, neste caso sobre o panorama da alfabetização nas multisséries do campo, a conscientes dos limites, das dificuldades e, também, das possibilidades dos povos residentes neste espaço. Ratificamos o campo, como lugar de cultura, de conhecimento e de transformação, cujos direitos educacionais conquistados resultam de intensas lutas e de movimentos sociais comprometidos com a garantia dos direitos dos povos desse lugar social.

O campo, assim como o contexto urbano, tem direito ao ensino de qualidade, que se preocupe em estimular as crianças para a permanência no processo de escolarização e que respeite o protagonismo delas no processo de alfabetização, propiciando um ensino reflexivo da linguagem escrita, ou seja, um processo de alfabetização no qual participem ativamente na hora de aprender e, principalmente, possam refletir e questionar o objeto de conhecimento: a linguagem escrita.

O estudo possibilitou constatar que a prática docente alfabetizadora, no desenvolvimento de práticas de leitura e escrita junto às crianças de classes multisseriadas no campo, é permeada por desafios, dificuldades e superação. Constatamos, a partir da interlocução com as professoras colaboradoras, a falta de material didático, a precarização das escolas e a não valorização dos professores, entre outros, como aspectos que concorrem para dificultar e tornar desafiador o processo ensino-aprendizagem.

No Quadro abaixo, sintetizaremos o conteúdo das narrativas a respeito: da interação dos pais ou responsáveis na alfabetização de crianças em classes multisseriadas: a partir do Quadro 01:

Quadro 01: Síntese do conteúdo da unidade temática de análise: Interação entre escola/família/comunidade no processo de alfabetização de crianças de classes multisseriadas.

- * A interação família/escola precisa ser ressignificada, deve ser consolidada a partir do reconhecimento de seus papéis e de como suas ações se complementam na educação das crianças;
- * As interações entre escola, pais ou responsáveis na alfabetização de crianças são afetadas por diferentes fatores (baixa escolarização de familiares, questões de trabalho, entre outros);
- * A escola tem o desafio de revisitar as interações entre escola, pais ou responsáveis na alfabetização de crianças, levando em conta a realidade social, política e econômica das famílias;
- * As professoras demonstram interesse em estreitar as relações famílias/escola;
- * As professoras tomam iniciativas para mobilizar as interações entre escola, pais ou responsáveis na alfabetização de crianças.

Fonte: Entrevistas narrativas

Considerando as narrativas das colaboradoras da pesquisa percebemos a importância das interações entre escola, pais ou responsáveis na alfabetização de crianças, identificamos as fragilidades dessas interações e os fatores que as afetam. As narrativas evidenciaram os desafios da escola para revisitação das interações entre escola, pais ou responsáveis na alfabetização de crianças. Evidenciam, também, essas interações precisam ser analisadas considerando a realidade social, política e econômica das famílias.

As narrativas analisadas realçam que as professoras têm interesse em estreitar as relações famílias/escola e, com esse intuito, tomam iniciativas para mobilizar as interações entre escola, pais ou responsáveis na alfabetização de crianças. A família exerce uma função socializadora e educativa muito importante, particularmente, por ser uma instituição na qual as crianças convivem socialmente com a leitura e a escrita, conhecendo suas funcionalidades e os diferentes suportes textuais.

Diante dos desafios e dificuldades as professoras, conforme os resultados da investigação, envidam esforços para superar as dificuldades e desafios e para assegurar às crianças o direito de aprender a ler e a escrever. Essa situação revela que as classes multisseriadas necessitam de políticas públicas, que garantam a qualidade da educação e do ensino. Podemos fazer menção às histórias das colaboradoras do estudo, como favorecedoras de aprendizagens das crianças que se encontram na fase inicial de

escolarização no campo. Essas professoras merecem reconhecimento e valorização social por suas trajetórias de lutas e de compromisso com o processo de ensino-aprendizagem e, especialmente, com a alfabetização das crianças.

Referências

BAJARD, Élie. **A Descoberta da língua escrita**. São Paulo, Editora Cortez, 2012.

CALDART, Roseli S. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: **Educação do campo: identidade e políticas públicas**- Caderno 4. Brasília: Articulação Nacional “Por Uma Educação Do Campo”, 2002.

COLELLO, Sílvia Maria Gasparin. Alfabetização em Tempos de Pandemia. **Convenit Iternacional**, n. 35. São Paulo: CEMOrOc- FEUSP, jan-abr, 2021. Disponível em: www.silviacolello.com.br Acesso em: 25 jul 2021.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 51-61.

FERREIRA, Edith Maria Batista; CORREIA, Joelma Reis. A formação da criança leitora por meio dos gêneros do discurso: questões metodológicas. In: **Rev: Leitura: Teoria & Prática**, v. 38, n.78, p.79-95, Campinas: São Paulo, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34112/2317-097222020v38n78p79-95>. Acesso em: 21 de abril de 2022.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 157.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de Ler**: em três artigos que se completam. 44 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

JOLIBERT, Josette et al. **Formando crianças leitoras**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1993.

LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 2.ed, 2022.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção de texto, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Relações de ensino e desenvolvimento humano: reflexões sobre as (trans) formações na atividade de (ensinar a) ler e a escrever. In: **Rev. Brasileira de Alfabetização (ABALF)**, v.1, n.9, jan./jun./, Belo Horizonte, 2017.

Sobre o autor

Dilmar Rodrigues da Silva Júnior

Mestre em Educação – UFPI. Especialista em Gestão e Supervisão escolar – IESF. Professor celetista da Universidade Estadual do Maranhão

E-mail: dilmar.jrcxs93@outlook.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2301-3096>

Recebido em: 07/05/2024

Aceito para publicação em: 18/11/2024